

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO SUL DE MINAS – UNIS/MG
BACHARELADO EM ENFERMAGEM
NAYARA LOPES SEVERIANO

**A VISÃO DOS PAIS FRENTE À VACINA CONTRA O PAPILOMA VÍRUS
HUMANO (HPV) OFERECIDA À SUAS FILHAS: uma revisão bibliográfica**

Varginha
2016

NAYARA LOPES SEVERIANO

**A VISÃO DOS PAIS FRENTE À VACINA CONTRA O PAPILOMA VÍRUS
HUMANO (HPV) OFERECIDA À SUAS FILHAS: uma revisão bibliográfica**

Trabalho apresentado ao curso de Enfermagem do
Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS/MG,
como pré-requisito para obtenção do grau de bacharel,
sob orientação da **Profa. Cacilda Aparecida
Rodrigues Gaspar.**

**Varginha
2016**

NAYARA LOPES SEVERIANO

**A VISÃO DOS PAIS FRENTE À VACINA CONTRA O PAPILOMA VÍRUS
HUMANO (HPV) OFERECIDA À SUAS FILHAS: uma revisão bibliográfica**

Monografia apresentada ao curso de Enfermagem do
Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS/MG,
como pré-requisito para obtenção do grau de bacharel
pela Banca Examinadora composta pelos membros:

Aprovada em: _____ / _____ / _____

Orientadora: Prof. Cacilda Aparecida Rodrigues Gaspar

Examinadora:

Examinadora:

OBS.:

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que iluminou meu caminho, por ter me auxiliado na conclusão deste trabalho.

À Orientadora Prof^a Cacilda Aparecida Rodrigues, por todas as vezes que se manteve receptiva as sugestões para melhoria no curso, e pelo auxílio na elaboração deste e de outros trabalhos.

A todos os professores que me acompanharam durante a graduação.

Aos meus pais José Carlos e Regina, irmãos Tiago, Nayra e Ana Carla pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

Aos meus tios Édia e em especial Jaci, por todo o incentivo dado desde o início, tornando-se ponta pé inicial para a vida acadêmica.

Aos meus colegas do curso de Graduação em Enfermagem.

À acadêmica Lorrane, por toda paciência e dedicação com que me auxiliou, além de contribuir para aumento do meu crescimento.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado!

“Bem eu sei que tudo podes, e nenhum dos
seus planos poderão ser frustrados”.

Jó 42:2

RESUMO

Este trabalho analisar o conhecimento dos pais frente à vacina do Papiloma Vírus Humano (HPV) ofertado à suas filhas. Tal abordagem justifica-se pela relevância da vacinação contra o HPV no combate as lesões precursoras do câncer cérvico-uterino. O objetivo geral avaliar a visão dos pais frente à administração da vacina. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, onde foi utilizado como base de dados o Google acadêmico e manuais do Ministério da Saúde. Após a análise e leitura minuciosa dos dados, foram obtidos como referência 20 artigos e 2 manuais do Ministério da Saúde. Os dados revelaram que a falta de informação sobre a vacina contra o HPV ainda é grande e este é um problema de saúde pública mundial. Por isso, cabe ao enfermeiro como gestor e educador, ser mediador no que se refere a prevenção, promovendo educação em saúde e desenvolvendo estratégias a fim de que haja prevenção e promoção da saúde feminina.

Palavras-chave: Visão. Pais. Vacinas contra HPV. Enfermagem.

ABSTRACT

This work analyzes the parents' knowledge about the human papillomavirus (HPV) vaccine offered to their daughters. Such an approach is justified by the relevance of HPV vaccination in combating precursor lesions of cervical-uterine cancer. The overall goal is to assess the parents' vision for vaccine administration. It is a bibliographical research, where it was used as a database Google academic and manuals of the Ministry of Health. After the analysis and thorough reading of the data, 20 articles and 2 manuals of the Ministry of Health were obtained as reference. Revealed that the lack of information about the HPV vaccine is still large and this is a worldwide public health problem. Therefore, it is up to the nurse as a manager and educator, to be a mediator in what concerns prevention, promoting health education and developing strategies to prevent and promote female health.

Keywords: *Vision. Parents. Vaccines against HPV. Nursing.*

LISTA DE ABREVIATURAS

- ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária
- CCU - Câncer Cérvico-uterino
- DNA - Ácido Desoxirribonucléico
- DTS's - Doenças Sexualmente Transmissíveis
- HPV - Papiloma Vírus Humano
- PCR - Polimerase Chain Reaction
- PRR - Papilomatose Respiratória Recorrente
- PVs - Pequenos Vírus

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	08
2	REFERENCIAL TEORICO.....	10
2.1	Considerações sobre o Papilomavírus Humano (HPV).....	10
2.1.1	Sintomas.....	10
2.1.2	Transmissão.....	11
2.1.3	Diagnóstico.....	11
2.1.4	Tratamento.....	11
2.2	Relação HPV x Câncer Cérvico Uterino.....	12
2.3	Vacina contra o HPV.....	14
2.4	Ações de enfermagem na prevenção do HPV.....	16
3	MATERIAL E METODO.....	17
3.1	Método.....	17
3.2	Crterios de Inclusão e Exclusão.....	17
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	18
4.1	Visão dos pais frente à vacina HPV.....	19
4.2	A importância da vacina do HPV na prevenção do câncer cérvico-uterino.....	20
4.3	Quais ações de enfermagem devem ser realizadas, a fim de sanar as dúvidas mais frequentes dos pais em relação a vacina do HPV.....	21
5	CONCLUSÃO.....	24
	REFERÊNCIAS.....	25

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema o conhecimento dos pais frente à vacina do Papiloma Vírus Humano (HPV) ofertada às suas filhas. Tem-se como objetivo geral avaliar a visão dos pais frente à administração da vacina e objetivos específicos, buscar, através da literatura, dados que apontem a importância da vacina do HPV na prevenção do câncer cervico uterino; descrever a visão dos pais frente a vacinação e identificar quais as ações de enfermagem devem ser realizadas, a fim de sanar as dúvidas mais frequentes dos pais em relação a vacina do HPV, para que o conhecimento sobre a temática seja efetivo.

Segundo Fredizzi (2011) a infecção genital pelo (HPV) é a de maior incidência entre as doenças sexualmente transmissíveis tanto para os homens quanto para as mulheres. Estima-se que pelo menos 50% dos indivíduos sexualmente ativos terão contato com o HPV em algum momento de suas vidas, e que 80% das mulheres terão esse contato até os 50 anos de idade.

Com isso pretende-se demonstrar que o HPV pode ser prevenido quando se realizadas medidas preventivas, como por exemplo, a administração da vacina ofertada pelo Ministério da Saúde, desde 2014 para meninas de nove a 13 anos. No entanto, se faz necessário que o enfermeiro tome algumas iniciativas para que os pais tenham consciência do quão importante a vacina é para a saúde de suas filhas e autorizem o procedimento.

Diante desta situação tem-se como problema inicial saber **“Qual a visão pais frente à vacina contra o HPV oferecida às suas filhas?”**. Associado ao ocorrido levantou-se a hipótese de que acredita-se que a vacina do HPV é um recurso excelente no que se refere à prevenção deste vírus, especialmente no combate aos subtipos oncogênicos do câncer cervico uterino.

Contudo, este estudo justifica-se pela suma importância da vacinação contra o HPV, sendo esta uma forma de prevenção frente aos subtipos que são altamente patógenos para saúde feminina. Espera-se com este trabalho oferecer subsídios aos enfermeiros atuantes nas Unidades Básicas de Saúde para que os mesmos abordem os pais das meninas que estão na faixa etária estabelecida pelo Ministério da Saúde para tomarem a vacina, de forma que esses reconheçam a importância da prevenção contra DST's na vida de suas filhas.

Portanto, é necessário fazer muito mais do que somente administração da vacina contra o HPV. É preciso, educar e instruir os pais das meninas que serão submetidas a esse procedimento, para que esses tenham discernimento do quão importante é para a saúde

feminina tal medida preventiva e que assim, eles estarão assegurando a qualidade de vida e impedindo o acometimento de possíveis agravos a saúde causada por esse vírus.

A VISÃO DOS PAIS FRENTE À VACINA CONTRA O PAPILOMA VÍRUS HUMANO (HPV) OFERECIDA À SUAS FILHAS: uma revisão bibliográfica

Nayara Lopes Severiano*
Cacilda Aparecida Rodrigues Gaspar**

RESUMO

Este trabalho analisar o conhecimento dos pais frente à vacina do Papiloma Vírus Humano (HPV) ofertado à suas filhas. Tal abordagem justifica-se pela relevância da vacinação contra o HPV no combate as lesões precursoras do câncer cérvico-uterino. O objetivo geral avaliar a visão dos pais frente à administração da vacina. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, onde foi utilizado como base de dados o Google acadêmico e manuais do Ministério da Saúde. Após a análise e leitura minuciosa dos dados, foram obtidos como referência 20 artigos e 2 manuais do Ministério da Saúde. Os dados revelaram que a falta de informação sobre a vacina contra o HPV ainda é grande e este é um problema de saúde pública mundial. Por isso, cabe ao enfermeiro como gestor e educador, ser mediador no que se refere a prevenção, promovendo educação em saúde e desenvolvendo estratégias a fim de que haja prevenção e promoção da saúde feminina.

Palavras-chave: Visão. Pais. Vacinas contra HPV. Enfermagem.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema o conhecimento dos pais frente à vacina do Papiloma Vírus Humano (HPV) ofertado à suas filhas. Tem-se como objetivo geral avaliar a visão dos pais frente à administração da vacina e objetivos específicos, buscar, através da literatura, dados que apontem a importância da vacina do HPV na prevenção do câncer cervico uterino; descrever a visão dos pais frente a vacinação e identificar quais as ações de enfermagem devem ser realizadas, a fim de sanar as dúvidas mais frequentes dos pais em relação a vacina do HPV, para que o conhecimento sobre a temática seja efetivo.

Segundo Fredizzi (2011) a infecção genital pelo (HPV) é a de maior incidência entre as doenças sexualmente transmissíveis tanto para os homens quanto para as mulheres. Estima-se

*Discente do Curso de Enfermagem do CentroUniversitário do Sul de Minas UNIS-MG. Email: nayaralopes300991@hotmail.com.br

** Enfermeira. Professora do CentroUniversitário do Sul de Minas UNIS-MG. Email: cacildaapr@hotmail.com

que pelo menos 50% dos indivíduos sexualmente ativos terão contato com o HPV em algum momento de suas vidas, e que 80% das mulheres terão esse contato até os 50 anos de idade.

Com isso pretende-se demonstrar que o HPV pode ser prevenido quando se realizadas medidas preventivas, como por exemplo, a administração da vacina ofertada pelo Ministério da Saúde, desde 2014 para meninas de nove a 13 anos. No entanto, se faz necessário que o enfermeiro tome algumas iniciativas para que os pais tenham consciência do quão importante a vacina é para a saúde de suas filhas e autorizem o procedimento.

Diante desta situação tem-se como problema inicial saber “Qual a visão pais frente à vacina contra o HPV oferecida às suas filhas?”. Associado ao ocorrido levantou-se a hipótese de que acredita-se que a vacina do HPV é um recurso excelente no que se refere à prevenção deste vírus, especialmente no combate aos subtipos oncogênicos do câncer cervico uterino.

Contudo, este estudo justifica-se pela suma importância da vacinação contra o HPV, sendo esta uma forma de prevenção frente aos subtipos que são altamente patógenos para saúde feminina. Espera-se com este trabalho oferecer subsídios aos enfermeiros atuantes nas Unidades Básicas de Saúde para que os mesmos abordem os pais das meninas que estão na faixa etária estabelecida pelo Ministério da Saúde para tomarem a vacina, de forma que esses reconheçam a importância da prevenção contra DST's na vida de suas filhas.

Portanto, é necessário fazer muito mais do que somente administração da vacina contra o HPV. É preciso, educar e instruir os pais das meninas que serão submetidas a esse procedimento, para que esses tenham discernimento do quão importante é para a saúde feminina tal medida preventiva e que assim, eles estarão assegurando a qualidade de vida e impedindo o acometimento de possíveis agravos a saúde causada por esse vírus.

Muitas vezes o despreparo do gestor e do gerenciado compromete a avaliação do desempenho profissional e, como consequência, a tomada de decisões quanto às intervenções e estratégias adequadas para a evolução do desempenho do avaliado é da mesma forma comprometida. Sendo assim, o tema é abordado neste trabalho pela sua relevância na qualidade de trabalho do enfermeiro e da equipe de enfermagem, na espera de proporcionar uma reflexão quanto ao preparo deste profissional, visando uma melhoria no processo de gestão de desempenho em enfermagem.

Relacionar-se é uma prática caracterizada por um diálogo significativo entre seres humanos, podendo ocorrer em ambos os envolvidos trocas e modificações de comportamento. Tendo como resultado, as pessoas ampliarem a sua capacidade para enfrentar a realidade e descobrir soluções práticas para seus problemas. Há a necessidade então de identificar como se dá os relacionamentos interpessoais na enfermagem e a sua importância no desenvolvimento das

ações assistenciais e como pode contribuir para um bom gerenciamento e melhorar o ambiente de trabalho. Investigando a partir disso, novas problemáticas que envolvem as relações interpessoais da equipe de enfermagem. Sendo um tema fundamental do exercício profissional do enfermeiro, para que o mesmo possa garantir o êxito dos procedimentos técnicos e da convivência, que interferem na melhoria da qualidade de vida do paciente, com uma assistência mais humanizada.

Segundo Fernandes (2015) as relações interpessoais consistem em processos que permitem uma mutualidade, ou seja, o convívio e as trocas humanas, sendo elas de cunho técnico, teórico ou de experiências cotidianas; estas propiciam o aprimoramento das pessoas e, em contrapartida, às vezes, podem dificultar o desenvolvimento do trabalho. Nessa perspectiva, a subjetividade no trabalho sugere uma reconstrução coletiva de interação, comunicação e ação, revigorando o trabalhador, refletindo-se no usuário que procura os serviços de saúde. Dessa forma, os relacionamentos interpessoais no trabalho são necessários ao ser humano para o desenvolvimento de um trabalho em equipe. A constituição de vínculo reflete na inversão de uma postura fragmentada: torna o grupo de trabalho integrado, forma um sistema de complementaridade, valoriza a troca de conhecimentos e experiências e possibilita mais riqueza, reflexo da subjetividade no trabalho.

Uma equipe só funciona com perfeição se seus integrantes estiverem articulados entre si. Dentro desse contexto, destacam-se as relações interpessoais, que no ambiente de trabalho devem ser compreendidas, a fim de aperfeiçoar o vínculo pessoal entre os membros da equipe, estabelecendo relações éticas e de respeito. A equipe de enfermagem é marcada pela fragmentação das ações, reforçada pelo rigor de muitos hospitais, os quais mantêm uma rígida estrutura hierárquica e exigem da equipe de enfermagem o cumprimento de rotinas, normas e regulamentos (SILVA, 2013).

Dessa forma, na saúde, o trabalho desenvolve-se na maior parte do tempo, por uma equipe, numa modalidade de trabalho coletivo, sendo a comunicação essencial ao estabelecimento de relações interpessoais e um denominador comum do labor em equipe, o qual decorre da relação recíproca entre labor e interação. Portanto, é imprescindível que os profissionais de saúde reconheçam a importância de lidar com as relações interpessoais, pois estas acabam por interferir, significativamente, no cuidado prestado ao cliente. A desmotivação profissional pode interferir de modo negativo na prestação do cuidado, uma vez que a humanização e a integralidade da assistência estão baseadas em ouvir e compreender o indivíduo a ser cuidado (FERNANDES, 2015).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Considerações sobre o Papilomavírus Humano (HPV)

Os HPVs vêm sendo mencionado desde a antiguidade grega e romana, período em que era referido como uma doença relacionada ao homossexualismo. Somente em 1949 sua etiologia viral foi descoberta em estudos realizados em microscopia eletrônica, mas foi em 1954 que pesquisadores agregaram as suas características sintomáticas com a transmissão por via sexual, tal questão disseminou um interesse maior no estudo desse vírus e possibilitou a identificações de seus tipos, subtipos e características (ALMEIDA; CAVEIÃO, 2014).

O HPV é um vírus não cultivável do grupo Papilomavírus. As alterações celulares desenvolvidas por este vírus foram inicialmente estudadas na década de 50, pelos citologistas Koss e Meisels, que as nomearam de displasias leves, moderadas ou acentuadas, atualmente tituladas de NIC I, NIC II e NIC III (QUEIROZ; PESSOA; SOUZA, 2005).

Os pequenos vírus (PVs) de ácido desoxirribonucleico (DNA) (50-55nm) pertencentes à família Papoviridae – gênero Papillomavirus. Trata-se de vírus não envelopado, com simetria icosaédrica. Apresenta um genoma de aproximadamente 8.000 pares de base (8Kb) de DNA dupla fita e circular. Apesar do tamanho pequeno, sua biologia molecular é bastante complexa. O DNA viral encontra-se associado a proteínas semelhantes a histonas, envolvidas por 72 capsômeros constituídos por duas proteínas estruturais, L1 e L2. Esses vírus são capazes de infectar seres humanos e grandes número de espécies animais (gatos, coelhos e primatas não-humanos), sendo o homem o hospedeiro mais extensivamente estudado (LETO et al., 2011).

2.1.1 Sintomas

De acordo com o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia das Doenças do Papiloma Vírus Humano (2012), o HPV pode ficar no organismo durante anos de maneira latente (forma adormecida sem manifestação). No entanto, as manifestações mais comuns relacionadas à infecção pelo HPV são: as verrugas genitais, que são erupções da pele, de cor branca ou avermelhada, as quais aparecem rotineiramente nos genitais externos ou próximos ao ânus, em homens e mulheres. Embora com menos frequência, podem aparecer dentro da vagina ou no colo do útero. As verrugas genitais às vezes causam sintomas como ardor, coceira ou corrimento. Os tipos de HPV que causam verrugas genitais são diferentes daqueles que provocam o câncer de colo do útero. Estas podem aparecer semanas ou meses após o contato sexual com uma pessoa infectada.

As consequências do HPV quando não tratado, pode ser ocasionar vários tipos de cânceres, como os de colo do útero, vagina, vulva, ânus, pênis e orofaringe, bem como a papilomatose respiratória recorrente (PRR). Embora seja extremamente rara, a PRR geralmente se desenvolve em crianças nascidas de mães infectadas pelos tipos de HPV que causam a maioria das verrugas genitais (INCTHPV, 2012).

2.1.2. Transmissão

Esse vírus tem um amplo tropismo por epitélio de mucosa, e é transmitido principalmente por contato direto, sendo a principal via de transmissão a sexual, esta pode ocorrer após uma única relação sexual com um parceiro infectado. Além disso, gestantes infectadas pelo HPV podem transmitir o vírus para o feto durante a gestação ou no momento do parto (FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS SOCIEDADES DE GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA, 2002).

2.1.3. Diagnóstico

O diagnóstico do HPV baseia-se em exames clínicos, dois exames são os mais comuns, o exame Papanicolau, que é o exame preventivo mais comum. Ele não detecta o vírus, mas sim as alterações que ele pode causar nas células e também da coleta da mucosa oral, onde é realizada a citologia e biópsias polimerase chainreaction (PCR). A biópsia vai permitir o estudo histopatológico de amostra representativa da lesão, para confirmar e graduar a lesão, não sendo capaz de identificar o tipo do HPV, o que se obtém apenas através das técnicas de biologia molecular. Já o PCR, é uma técnica que revolucionou a virologia, em virtude da sua alta sensibilidade, pode detectar até um genoma viral em 100.000 células. Sob ótimas condições experimentais, é o método de detecção mais sensível (CASTRO et al., 2004; FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS SOCIEDADES DE GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA, 2002).

2.1.4 Tratamento

Inúmeras são as formas de tratamento para a infecção do HPV. Brandt et al (2010), afirmam que o tratamento das lesões provenientes do HPV deve ser subjetivo. Podem ser necessárias várias sessões de modalidades terapêuticas distintas para resolução completa das lesões. O tratamento convencional consiste na destruição química da lesão com aplicação tópica de podofilina, 5-fluorouracil, ácido bi/tricloroacético e podofilotoxina. Os métodos de destruição física incluem crioterapia, laser, eletrocauterização e excisão cirúrgica. Os métodos físicos

frequentemente são dolorosos, podem resultar em cicatrizes e requerem o uso de anestesia; recorrência do quadro ocorre com frequência.

Os tratamentos baseados na destruição química ou física dos queratinócitos infectados não inibem diretamente a infecção ou replicação viral. Cada opção terapêutica possui vantagens e desvantagens, não existindo até o momento nenhuma medicação que efetivamente elimine o HPV (BRANDT et al., 2010).

O imiquimod é modificador da resposta imunológica, agindo como modulador da imunidade celular, aumentando a produção local de IFN alfa, beta e gama e do fator de necrose tumoral alfa que provocam diminuição da carga viral. A aplicação diária da droga a 2% ou 5%, sob a forma de creme ou gel, durante três a quatro semanas, é segura e efetiva erradicando os condilomas em 50% dos casos. Todavia, não deve ser usado em mucosas (NADAL; MANZIONE, 2002).

O cidofovir é agente antiviral nucleosídeo análogo. Impede a síntese de DNA viral pela inibição da DNApolimerase, diminuindo a duplicação viral, agindo principalmente nos DNAvírus que causam doenças cutâneas. O uso tópico, em forma de creme, ou intralesional são tidos como efetivos no tratamento e prognóstico das infecções provocadas pelo HPV, mesmo em doentes HIV+. Não há efeito colateral sistêmico descrito. Todavia, recomenda-se redução da dose em portadores de insuficiência renal, uma vez que a droga tem excreção renal. Pode haver reação cutânea, por vezes acentuada, no local da aplicação (NADAL; MANZIONE, 2002).

É importante salientar que o tratamento é individual, e deverá ser realizado conforme indicação médica. É feita uma análise de diversos fatores, como por exemplo: sinais e sintomas, progressão da doença, faixa etária para que assim, seja estabelecido o tratamento mais eficaz para cada um.

2.2 Relação HPV x Câncer Cervico Uterino

O Papiloma Vírus Humano (HPV) é um vírus que infelizmente faz parte do nosso cotidiano, no qual existem mais de 80 subtipos, alguns deles são transmitidos via contato sexual com parceiro portador desse vírus. Os subtipos 16 e 18 estão diretamente associados ao câncer cérvico-uterino (COLATINO, 2010).

Para a Organização Mundial da Saúde (2013), o câncer uterino ocupa o quarto lugar no ranking de acometimento da doença na população feminina em todo o mundo e também ocupa mesma posição das mortes causadas por tais morbidades, sendo mais comum nos países subdesenvolvido.

Em todo o mundo, cerca de 10% das mulheres têm HPV. Entre elas, de 30% a 50% são menores de 25 anos. No Brasil, estima-se que nove a 10 milhões de pessoas sejam portadoras do vírus e que se registrem 700 mil novos casos a cada ano. Entre a população sexualmente ativa, estima-se que 80% vão contrair HPV durante a vida, causando doenças significativas (INCTHPV, 2013, p. 15).

Dentre os sintomas corriqueiros causados pelo HPV estão às verrugas genitais, conhecidas também como condilomas. Quando a infecção não é tratada inicialmente, conseguinte surgirão lesões precursoras, não o câncer propriamente dito, mas lesões que podem originar ao carcinoma se não tratadas (BRASIL, 2011).

A presença do HPV na quase totalidade dos casos demonstrados implica na maior atribuição de causa específica, já relatada para um câncer em humanos. Dessa forma, fica evidente que a infecção por esse vírus contribui para o desenvolvimento do câncer cérvico-uterino (CCU). Além de aspectos relacionados à própria infecção por esse, outros fatores ligados, como à imunidade, à genética e ao comportamento sexual, tabagismo, idade, ambos podem influenciar os mecanismos de infecção e também da progressão para lesões precursoras ou câncer (INTERNATIONAL et al., 2006).

Os profissionais de enfermagem devem estar habilitados para esclarecer as dúvidas que por casualidade surgirem, orientando quanto aos possíveis métodos para diagnóstico e demonstrando a sua importância para detecção não só para o HPV, mas também para outras DST's (COSTA; CORTINA, 2009).

Sendo assim, o enfermeiro deve assegurar à comunidade acesso aos serviços de saúde pública, proporcionando a assistência, priorizando os adolescentes, visto que estes contemplam um grupo vulnerável e que aderem muito pouco aos serviços de saúde, tais como os exames preventivos (LIMA et al., 2014).

2.3 Vacina contra o HPV

De acordo com a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), a vacina contra HPV foi regulamentada em agosto de 2006 no Brasil, porém somente há um pouco mais de dois anos, entrou de fato no calendário de vacina, no qual é disponibilizada para a faixa etária de nove aos 13 anos. Há dois tipos de vacinas aprovadas e que são comercializadas no Brasil: a bivalente, que protege contra os tipos oncogênicos 16 e 18, e a quadrivalente, que protege contra os tipos não oncogênicos seis, 11 e os tipos oncogênicos 16 e 18. As duas são eficientes no que concerne a prevenção às lesões precursoras do CCU, especialmente se utilizadas antes do contato com o

vírus, desta maneira, os benefícios são significativos antes do início da vida sexual (INCTHPV, 2013).

Além do tipo 16 e 18, a vacina quadrivalente também previne infecções pelos tipos seis e 11, responsáveis por 90% das verrugas na região genital e lesões em colo uterino de baixo risco. Ela ainda mostrou-se eficiente contra metade das infecções pelo HPV 31. A vacina bivalente apresentou eficácia adicional contra quase todas as infecções por HPV 31, 33 e 454, cinco, sete e nove (ZARDO et al., 2014).

As vacinas constituem em duas doses, cada dose possui 0,6 ml, devendo ser administrada por via intramuscular. A segunda dose deve ser administrada seis meses após a primeira (BRASIL, 2015).

Segundo Borsatto, Vidal e Rocha (2011) caso haja alguma impedimento que necessite que a vacinação seja interrompida, o esquema não deve ser reiniciado. Se a série for interrompida após a primeira dose, a segunda deve ser administrada assim que possível e o intervalo entre a segunda e terceira doses pode ser reduzido para três meses. Se apenas a terceira dose estiver atrasada, deve ser administrada o quanto antes.

Quanto às vias de administração, foi observado que no músculo deltoide e vasto lateral é possível alcançar vasos linfáticos locais, conseguinte ocorrendo produção de anticorpos neutralizantes em grande quantidade. A eficácia de absorção em outros. Além disso, recomenda-se a observação durante 15 minutos após a administração por risco de síncope, principalmente em adolescentes e adultos jovens (BORSATTO; VIDAL; ROCHA, 2011).

Em um estudo randomizado realizado por Zardo et al (2014) em diferentes países (Colômbia, França, Alemanha, Filipinas, Espanha, Tailândia e Estados Unidos) no período de junho de 2004 e abril de 2005, com 3819 mulheres com faixa etária entre 28 a 40 anos. O critério estabelecido era de que algumas mulheres seriam submetidas ao placebo e outras a vacina, para que pudesse ser analisada a eficácia da vacina.

Através do estudo ficou evidente que a vacina bivalente mostrou boa eficácia em pacientes com NIC II causados por HPV 16 ou 18 em mulheres previamente soropositivas. Esta também demonstrou ser eficaz contra as verrugas genitais causadas pelo HPV seis e 11 através de reações cruzadas. A vacina quadrivalente revelou 100% de eficácia contra os vírus seis, 11, 16 e 18 (ZARDO et al., 2014).

Existem algumas contra-indicações que devem ser levadas em consideração, como por exemplo, a hipersensibilidade aos componentes da vacina, principalmente ao *Saccharomyces cerevisiae*, apesar de o risco de reação anafilática nessas pessoas ser pequeno. Há um risco teórico de reação alérgica à vacina em pessoas com alergia ao fungo, contudo não

foram documentadas reações adversas após a vacinação dessas pessoas. O uso em gestantes ainda está contra-indicado, apesar de não haver indícios de teratogenicidade; porém, caso a mulher engravide após o início da série de vacinação, a conclusão do esquema deve ser adiada até o término da gestação. Caso uma dose tenha sido administrada durante a gravidez, nenhuma intervenção é necessária (BORSATTO; VIDAL; ROCHA, 2011).

A vacinação contra o HPV possui grande potencial para atuar contra a morbi-mortalidade associada às infecções por esse vírus. No entanto, é necessário que haja maior acessibilidade para as demais faixas etárias e também referentes ao valor desta. Além disto, deve ser ofertada a população feminina, outros meios de prevenção e detecção precoce do câncer cérvico uterino, como o exame Papanicolau, o qual é disponibilizado gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde.

2.4 Ações de enfermagem na prevenção do HPV

A principal atribuição do profissional enfermeiro em relação às ações de saúde para prevenir o HPV é atuar diretamente na prevenção primária, tarefa essencial que auxilia na diminuição das taxas de infecções por esse vírus. A prevenção primária é algo simples de ser desenvolvido, exemplo disto é a educação em saúde, fator de suma relevância e que tem impacto sobre as pessoas (MARTINS NETTO; MARTINS SIERRA; FERRAZ, 2013).

Devido à iniciação da atividade sexual precoce as adolescentes de hoje encontram-se mais expostas ao surgimento de doenças sexualmente transmissíveis. É notório, que há grande necessidade de educação sexual para as adolescentes em relação às doenças sexualmente transmissíveis, a falta do uso do condom e o fato de não terem conhecimentos sobre as DST's as quais estão suscetíveis, deixam as propensas a adquirirem tais patologias (COSTA; CORTINA, 2009).

Existe outros fatores relevantes que devem ser abordados no que se refere a prevenção da transmissão do HPV, como por exemplo, o fato de que a população masculina é a principal responsável pela transmissão da infecção ao sexo feminino, via sexual. Isso acontece porque, diferente de outras Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's), o HPV é transmitido mais facilmente do homem para a mulher do que da mulher para o homem (ZARDO et al., 2014).

A falta de informações adequadas a respeito do HPV pode influenciar na formação de concepções errôneas que podem interferir de forma negativa no comportamento daquele que é portador do vírus, e das pessoas que fazem parte do seu contexto social. Infelizmente, o

indivíduo só tem conhecimento sobre o que se trata o HPV, quando já está contaminado e procura tratamento (PANOBIANCO et al., 2013).

O controle do HPV implica numa série de ações voltadas para a área de promoção à saúde, prevenção da doença e qualidade de vida. Cabe ao enfermeiro intervir utilizando os recursos disponíveis para transmitir as informações necessárias no que se refere ao HPV. Dessa forma, este profissional contribui para a melhor assistência a fim de reduzir os fatores de risco, diagnosticar, tratar precocemente a doença, e especialmente conscientizar as jovens do qual importante é a prevenção (SILVA et al., 2008).

Portanto, fica evidente que os enfermeiros são profissionais de destaque no processo de prevenção e detecção do câncer de colo uterino, pois o estabelecimento de medidas preventivas ou de ações aos já acometidos pela doença poderá reduzir a mortalidade ou mantê-las em melhores condições de sobrevivência (BAVARESCO; PEREIRA, 2012).

3 MATERIAL E MÉTODOS

3.1 Métodos

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica em que foram utilizadas as bases de dados online do Google acadêmico e manuais do Ministério da Saúde.

A pesquisa bibliográfica é realizada a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos e teses (GIL, 2008; FONSECA, 2002).

Revisão de literatura, também conhecida como estudos de revisão passiva (sintetizam estudos sobre um tema) ou revisões opinativas (analisam a evidência existente sobre um assunto), são pesquisas nas quais os autores resumem, analisam e sintetizam as informações disponibilizadas na literatura (MANCINI; SAMPAIO, 2006).

A revisão bibliográfica tem por objetivo elucidar a respeito de uma temática, utilizando como base referências teóricas, publicadas em artigos, teses ou livros (MARTINS; PINTO, 2001).

Esta pesquisa tem como intuito responder o seguinte problema: "Qual a visão dos pais frente à vacina contra o HPV oferecida às suas filhas?"

3.2 Critérios de inclusão e exclusão

Como critérios de inclusão foram utilizados: leitura prévia de títulos e resumos dos trabalhos encontrados a fim de identificar aqueles que respondem o problema e os objetivos da pesquisa; Artigos publicados no período compreendido entre 2011-2016 nos idiomas português, inglês com utilização dos descritores: “visão”; “pais”; “vacinas contra HPV” e “enfermagem”.

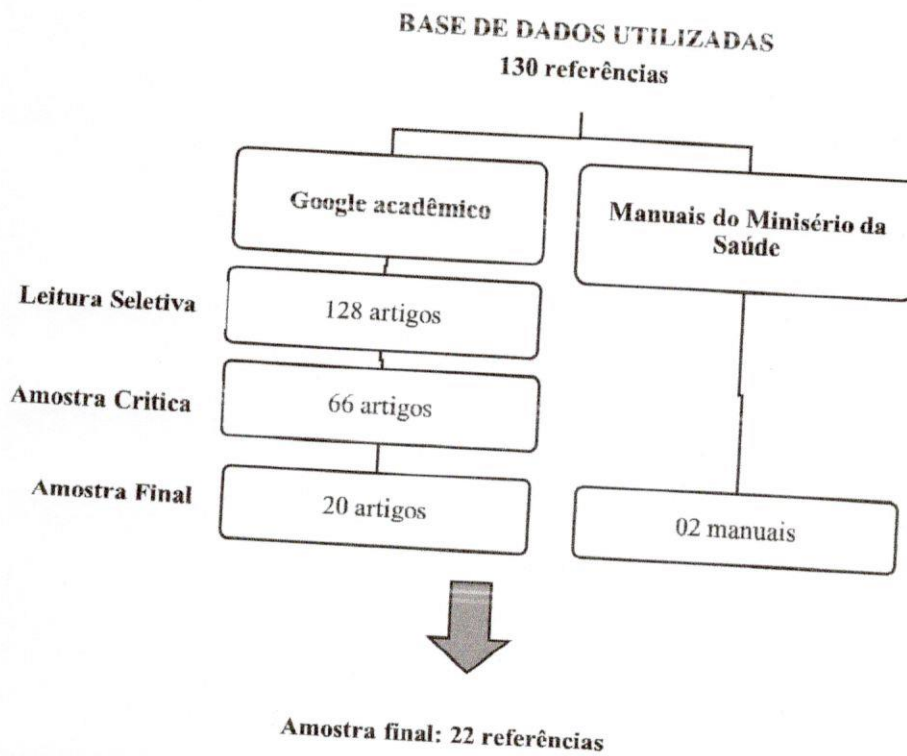
Foram excluídas teses, livros, dissertações, e demais publicações que não respondem aos critérios de inclusão acima citados e não compreendem a temática do estudo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A busca realizada aconteceu no período de setembro a novembro de 2016, utilizando os descritores supracitados. Na primeira perquisição, foram identificados 128 artigos e, após a utilização dos critérios de inclusão e exclusão, 66 deles foram selecionados. Posteriormente, com a leitura minuciosa desses, foram selecionados 20 artigos, em razão de que esses respondem as questões norteadoras e as peculiaridades da pesquisa.

As bases de dados utilizadas foram: Google Acadêmico e Manuais do Ministério da Saúde, onde estão devidamente discriminados no diagrama a seguir. (Quadro 01).

Quadro 01: Diagrama de busca e seleção dos artigos recorte de 2011 a 2016.



A leitura exaustiva permitiu alocar as informações em três categorias, abaixo denominadas:

- a) Visão dos pais frente à vacina do HPV;
- b) A importância da vacina do HPV na prevenção do câncer cervico uterino;
- c) Quais as ações de enfermagem devem ser realizadas, a fim de sanar as dúvidas mais frequentes dos pais em relação à vacina do HPV.

Para uma melhor organização da discussão dos resultados apresentados, após a análise rigorosa dos artigos, foram aclaradas as três categorias analíticas descritas abaixo:

4.1 Visão dos pais frente à vacina do HPV

Segundo Lopes e Alves (2013) a adolescência pode ser dividida em duas fases, a pré-adolescência que compreende dos 10 aos 14 anos, e a adolescência propriamente dita, dos 15 aos 19 anos de idade. Fase esta em que é marcada por grandes mudanças, visto que ocorrem inúmeras transformações como, mudança corporal, maturidade sexual, alterações hormonais e mudanças psicoemocionais, onde tudo é vivido com mais intensidade, inclusive a sexualidade.

No que tange aos motivos da não adesão à vacinação, alguns países pioneiros na imunização contra o vírus HPV, apontam fatores relevantes e devem ser considerados, como: a falta de conhecimento dos pais sobre o HPV e sua relação com o câncer cérvico-uterino, assim como a resistência destes em discutir sexualidade com as adolescentes e a preocupação de que as jovens vacinadas possam se inserir a prática sexual mais precocemente; a falta de preparação dos profissionais de saúde e das escolas participantes e o desconhecimento das adolescentes frente ao HPV (OLIVEIRA; GELATTI, 2015).

Preocupante é a situação da família tradicional, cujos pais entendem que a vida sexual dos filhos é inativa e não os estimulam na prevenção do HPV, no que tange a aplicação da vacina específica.

Vislumbra-se que muitos são os pais que não autorizam suas filhas aplicarem a vacina de prevenção contra o HPV, até mesmo por preservarem seus egos e preferirem acreditar que elas não transam com ninguém.

Lado outro, as proles, com receio das consequências oriundas da confidencialidade de suas vidas sexuais para seus pais, optam por omitir tais informações.

Diante do exposto, os fatos acima elencados em muito contribuem para o aumento da população infectada com o HPV, e devem cair por terra, com o poder da verdadeira informação e conhecimento a serem levados a toda população, principalmente as de baixa renda e os que possuem residências em locais remotos.

4.2 A importância da vacina do HPV na prevenção do câncer cervico uterino

O início precoce da vida sexual, a contaminação por doenças sexualmente transmissíveis, a promiscuidade, além da menarca precoce, o hábito de fumar, entre outros fatores de riscos significativos, contribuem significativamente para o desenvolvimento do câncer cérvico uterino (LOPES; ALVES, 2013).

Sabe-se que o Papilomavírus Humano (HPV) está diretamente relacionado ao desenvolvimento da neoplasia intraepitelial (NIC) de alto grau e do câncer invasivo, embora não seja causa suficiente (ARAUJO et. al, 2013).

Lopes e Alves (2013) citam em seu estudo uma pesquisa realizada por Mouginet al., no ano de 1998, onde afirmam que mulheres que tiveram relações sexuais aos 16 anos de idade apresentaram risco dobrado de desenvolver CCU, em relação a mulheres que tiveram após os 20 anos de idade, isso se dá por causa da imaturidade fisiológica, devido à rápida mudança do epitélio cervical durante o período da adolescência.

De acordo como INCA (2014), sobre a incidência de cânceres no Brasil, no ano de 2014 foram cerca de 15.590 casos novos do câncer cérvico-uterino, deixando o em quarto lugar no ranking, perdendo apenas, para o câncer de pele, mama, colón e reto. Comparado aos outros tipos de carcinomas, o de colo uterino é o que evidencia um dos mais altos potenciais de prevenção e cura, chegando a perto de 100%, quando diagnosticado precocemente e podendo ser tratado em nível ambulatorial em cerca de 80% dos casos.

Na atualidade, há duas vacinas aprovadas e comercialmente disponíveis no Brasil: a bivalente, que protege contra os tipos oncogênicos 16 e 18, e a quadrivalente, que protege contra os tipos não oncogênicos seis e 11 e os tipos oncogênicos 16 e 18. Ambas são eficientes contra as lesões precursoras do CCU, especialmente se utilizadas antes do contato com o vírus. Sendo assim, os benefícios são significativos antes do início da vida sexual (INCTHPV, 2013).

As vacinas constituem em três doses, cada dose deve conter 0,5 ml e ser administrada pela via intramuscular. A segunda dose deve ser administrada seis meses após a primeira, e a terceira dose, 60 meses após a primeira (BRASIL, 2013).

Tabela 01: Características da Vacina HPV

Característica	Quadrivalente	Bivalente
Composição		
Tipo	VLP L1 HPV 6,11,16,18	VLP L1 HPV 16,18
Concentração	20 µg HPV 6 e 18/ 40 µg HPV 11 e 16	20 µg HPV 16 e 18
Adjuvante	225 µg sulfato de hidroxifosfato amorfo de alumínio (AAHS)	500 µg hidróxido de alumínio + 50 µg de monofosforilipídio-a (ASO4)

Característica	Quadrivalente	Bivalente
Tecnologia recombinante	Expressão em levedura (Saccharomyces cerevisiae)	Expressão com baculovírus em células de inseto (Trichoplusia ni)
Nome comercial	Vacina Quadrivalente Recombinante contra Papilomavírus Humano® (Brasil)	Vacina contra HPV oncogênico (16 e 18 Recombinante com ASO4)® (Brasil)
Posologia	0,5 mL IM 0, 2 e 6 meses	0,5 mL IM 0, 1 e 6 meses
Indicação (Brasil)	Homens e mulheres de 9 a 26 anos	Mulheres de 10 a 25 anos
Imunogenicidade		
Soroconversão	100% para os quatro tipos de HPV	100% para os dois tipos de HPV
Resposta amnética	Evidente e robusta	Evidente e robusta
Segurança		
Geral	Geralmente segura e bem tolerada	Geralmente segura e bem tolerada
Gravidez	Categoria B / não associada a malformação ou má evolução obstétrica	Não há dados
Lactação	Segura e bem tolerada	Segura e bem tolerada
Proteção cruzada		
	Eficácia (NIC 2/3 ou AIS)	Eficácia (infecção persistente)
HPV 31/45	62% (95% IC 10-85)	
IIPV 31/33/45/52/58	43% (95% IC 07-66)	60% (97,9% IC 28-79)
HPV 31/33/35/39/45/51/52/56/58/59	38% (95% IC 06-60)	41% (97,9% IC 20-56)

Fonte: Zardoet al, 2014.

Estudos apontam a vacina contra HPV como método profilático que apresenta eficácia diante do câncer cervical, em virtude de a citologia oncológica possuir algumas limitações, como baixa sensibilidade, baixo valor preditivo positivo e baixa reprodutibilidade.

A janela de eficácia da vacina é mais elevada antes do início da atividade sexual, por isso esse processo deve ser estabelecido através de ações educativas e do vínculo construído entre profissionais de saúde, pais e adolescentes (ARAUJO et al., 2013).

A vacina contra HPV demonstraram eficiência de 100% para a prevenção de NIC II e III, ou adenocarcinoma *in situ* (AIS), associados aos HPVs 16 e 18, e também de 100% para lesões da vulva (NIC II / III) ou da vagina (NIC II / III), associadas com os HPVs 16, 18, 11 e 6. Vale ressaltar que a vacinação não exclui a necessidade de rastreamento citopatológico, pois não elimina isoladamente o câncer cervical (ARAUJO et al., 2013).

4.3 Quais as ações de enfermagem devem ser realizadas, a fim de sanar as dúvidas mais frequentes dos pais em relação à vacina do HPV

O êxito no tratamento do carcinoma do colo uterino está diretamente relacionado com a qualidade do exame citológico, dos intervalos entre os procedimentos, da cobertura da população feminina pelos programas de prevenção, do encaminhamento de mulheres com alterações nos exames citopatológicos, rastreamento e acompanhamento eficiente das pacientes diagnosticadas. Nos países desenvolvidos onde os Exames de Papanicolau aliado com os programas educativos e

um bom direcionamento dos casos diagnosticados tiveram um decréscimo de 70% na mortalidade de mulheres acometidas por esta patologia.

A educação em saúde representa uma estratégia relevante na formação de comportamentos que promovam ou mantenham uma boa saúde por esta se tratar de uma prática social que contribui para a formação da consciência crítica das pessoas a respeito de seus problemas de saúde, considerando a sua realidade (RODRIGUES et al., 2012).

Santos (2015) afirma em seu estudo que uma das dificuldades observadas, está relacionada à forma de abordar o tema das doenças sexualmente transmissíveis junto as meninas, pois estas estão vivenciando momentos de descoberta e alterações fisiológicas por conta da puberdade.

Posto isto, ocorre que muitas vezes as meninas não têm conhecimento sobre a vacina contra HPV ser preventiva, e que reforça, mas não substitui outros métodos preventivos, como o: educação em saúde, métodos contraceptivos (anticoncepcional, camisinha, entre outros), exame Papanicolau (SANTOS, 2015).

Por isso, se faz necessário iniciar ter um diálogo constante com as meninas, e pactuar com os pais, professores e profissionais de saúde formas de se passar a informação sobre este tema. Uma discussão com antecedência irá contribuir para a conscientização sobre a importância não só de se vacinar, mas de se cuidar (SANTOS, 2015).

Além da coleta de exames, a prevenção do CCU deve envolver um conjunto de ações educativas com a finalidade de sensibilizar a população de risco. A prevenção primária consiste em condutas que possam minimizar os fatores de risco, por meio de programas de prevenção clínica e educativa, visando à prevenção da doença, o diagnóstico precoce, a possibilidade de cura e principalmente a promoção da saúde os quais o enfermeiro desempenha importante papel (SILVA; LEAL, 2010).

É de suma importância que o enfermeiro desenvolva educação em saúde nas escolas, visto que, dos nove aos 11 anos é dada a vacina contra o HPV, e cabe ao enfermeiro desenvolver estratégias de conscientização para com os pais das meninas as quais receberão as vacinas, para que esses tenham consciência da relevância da prevenção contra o vírus HPV, e especialmente no combate ao CCU, conseguindo autorizando as filhas a se imunizarem.

No entanto, é importante salientar que, as ações do enfermeiro devem ser aliadas a outras estratégias que objetivem a disseminação de informações precisas oferecidas de forma clara, atraente e criativa ao maior número possível de pessoas, utilizando vários recursos audiovisuais como transmissões locais (rádios), folders, cartazes, manequins femininos, entre outros que estiverem disponíveis (SILVA et al., 2012).

Além dos recursos supracitados, é indispensável utilização de outras estratégias tais como grupos, separada por faixa etária. Nestes grupos podem ser abordados vários temas relevantes, dentre eles, a periodicidade do exame citopatológico, os fatores de risco do CCU, DST's associadas ao câncer cérvico-uterino, a importância da vacina contra o HPV, entre outros assuntos que porventura surgirem como dúvidas. Este momento é enriquecedor no que tange ao esclarecimento e entendimento das adolescentes quanto à importância da vacina na prevenção do câncer cérvico-uterino (RODRIGUES et al., 2012).

Fica evidente que, o enfermeiro como gestor, administrador e educador deve possuir olhar holístico sob a comunidade a ele designada, para que possa desenvolver métodos de educação em saúde conforme a sua realidade, pensando sempre na prevenção e promoção da saúde da comunidade.

5 CONCLUSÃO

Conclui-se que a infecção pelo HPV é, portanto, um problema de saúde pública mundial, e no âmbito da prevenção do câncer cervico-uterino, as vacinas contra HPV, a camisinha, o exame Papanicolau, representam um método profilático e eficaz na redução da infecção e da consequente contaminação da lesão cervical ou desenvolvimento da neoplasia.

Assim, é necessário que o enfermeiro possua conhecimento técnico científico sobre as formas de transmissão, diagnóstico, tratamento e prevenção das infecções ocasionadas pelo HPV e outras DST's, para esclarecer quaisquer dúvidas da população relacionada a temática.

Fica evidente que, o enfermeiro é essencial na Equipe de Saúde da Família, visto que, esse é o co-autor no que se refere à prevenção, incentivando a população na prevenção do HPV, conseguinte contra o câncer cervico uterino e contribuindo para a redução da incidência dos mesmos e proporcionando maior qualidade de vida à população feminina.

THE VISION OF THE FATHERS AGAINST THE VACCINE AGAINST THE PAPILOMA HUMAN VIRUS (HPV) OFFERED TO THEIR CHILDREN: a bibliographic review

ABSTRACT

This work analyzes the parents' knowledge about the human papillomavirus (HPV) vaccine offered to their daughters. Such an approach is justified by the relevance of HPV vaccination in combating precursor lesions of cervical-uterine cancer. The overall goal is to

assess the parents' vision for vaccine administration. It is a bibliographical research, where it was used as a database Google academic and manuals of the Ministry of Health. After the analysis and thorough reading of the data, 20 articles and 2 manuals of the Ministry of Health were obtained as reference. Revealed that the lack of information about the HPV vaccine is still large and this is a worldwide public health problem. Therefore, it is up to the nurse as a manager and educator, to be a mediator in what concerns prevention, promoting health education and developing strategies to prevent and promote female health.

Keywords: *Vision. Parents. Vaccines against HPV. Nursing.*

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, G. C. P. de; CAVEIÃO, C. Vacina Profilática para o Papiloma Vírus Humano: desafios para saúde pública. **Rev. Saúde e Desenvolvimento**, v. 5, n.3, p. 71-90. [S.l.:2014]. Disponível em: <<http://www.grupouninter.com.br/revistasaude/index.php/saudeDesenvolvimento/article/view/295/200>>. Acesso em: 14 jun. 2016.
- ARAÚJO, A. M. et al. Vacina contra papilomavírus humano na prevenção do câncer cervical. **Rev. Universidade Vale do Rio Verde**, v. 11, n. 2, p. 102-114. Três Corações: 2013. Disponível em: <<http://revistas.unincor.br/index.php/revistaunincor/article/view/109>>. Acesso em: 15 nov. 2016.
- BAVARESCO, J. **O papel do enfermeiro como educador na prevenção do câncer cérvico uterino**. Monografia (Graduação) – Fundação Educacional do Município de Assis, Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis, Assis: 2012. Disponível em: <<http://fema.edu.br/images/arqTccs/0811250404.pdf>>. Acesso em: 11 de mai. 2016.
- BRASIL. Nota Informativa, n. 149, de 2015. Informa as mudanças no Calendário de Vacinação para o ano de 2016. **Departamento de Vigilância das Doenças Sexualmente Transmissíveis**, 20 out. 2015. Disponível em: <http://www.cvpvacinas.com.br/pdf/nota_informativa_149.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2016.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Sexualmente Transmissíveis. **Informe técnico sobre a vacina Papiloma Vírus Humano (HPV) na atenção básica**. Brasília: 2013. Disponível em: <http://www.saude.al.gov.br/arquivos/nota_tecnica/nota_tecnica_07-04-2014_15-04-42_informe_tecnico_introducao_vacina_hpv_04-12-2013.pdf>. Acesso em: 25abr. 2016.
- BORSATTO, A. Z; VIDAL, M. L. B; ROCHA, R. C. N. P. Vacina contra o HPV e a Prevenção do Câncer do Colo do Útero: Subsídios para a Prática. **Rev. Bras. Cancerologia**, v. 57, n.1, p. 67-74. Rio de Janeiro: 2011. Disponível em: <http://www.inca.gov.br/rbc/n_57/v01/pdf/10_revisao_de_literatura_vacina_hpv_prevencao_cancer_colo_uterio_subsidios.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2016.
- BRANDT, H. C. V. et al. Tratamento do papiloma vírus humano na infância com creme de

- imiquimode a 5%. **An. Bras. Dermatol**, v. 84, n. 5, p. 549-53. Rio de Janeiro: 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/abd/v85n4/v85n4a20.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2016.
- CASTRO, T. M. P. G. et al. Manifestações orais associadas ao Papiloma Vírus Humano (HPV) conceitos atuais: revisão bibliográfica. **Rev. Bras. Otorrinolaringologia**, v. 70, n. 4, p. 546-50. São Paulo: 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/rboto/v70n4/a17v70n4.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2016.
- COLATINO, P. L. **HPV 16 e 18 e o desenvolvimento do câncer do colo uterino**. Monografia (Especialização em Citologia Clínica) – Centro de Consultoria Educacional, Universidade Paulista, Recife: 2010. Disponível em: <<http://www.ccecursos.com.br/img/resumos/citologia/01.pdf>>. Acesso em: 25 de abr. 2016.
- COSTA, A. C. R.; CORTINA, C. Papel do enfermeiro na promoção e prevenção do Papiloma Vírus Humano na adolescência. **Rev. Enferm. UNISA**, v. 10, n.2, p.134-8, 2009. Disponível em: <<http://www.unisa.br/graduacao/biologicas/enfer/revista/arquivos/2009-2-06.pdf>>. Acesso em: 25 de abr. 2016.
- FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS SOCIEDADES DE GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA. Projeto Diretrizes. Associação Médica Brasileira. Conselho Federal de Medicina. **Papilomavírus Humano (HPV): diagnóstico e tratamento**. [S.l.:2002]. Disponível em: < [http://diretrizes.amb.org.br/_BibliotecaAntiga/papilomavirus-humano\(hpv\)diagnostico-e-tratamento.pdf](http://diretrizes.amb.org.br/_BibliotecaAntiga/papilomavirus-humano(hpv)diagnostico-e-tratamento.pdf)>. Acesso em: 14 jun. 2016.
- FREDRIZZI, E. N. Epidemiologia da infecção genital pelo HPV. **Rev. Bras. Pat Trato Gen Inf**, v. 1, n. 1, p. 3-8. Florianópolis: 2011. Disponível em: <<http://projeto HPV.com.br/projeto HPV/wp-content/uploads/2011/03/RBPTGI-Epidemiologia-2011.pdf>>. Acesso em: 23 mai. 2016.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- INCA. Instituto Nacional do Câncer. **Estimativas 2014**. Disponível em: <<http://www.inca.gov.br/estimativa/2014/tabelaestados.asp?UF=BR>>. Acesso em: 08 de out. 2016.
- INCTHPV - Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia das Doenças do Papiloma Vírus Humano. **Guia do HPV**, p. 15. São Paulo: 2013. Disponível em: <http://www.incthpv.org.br/upl/fckUploads/file/Guia%20do%20HPV%20Julho%202013_2.pdf>. Acesso em: 25 de abr. 2016.
- INTERNATIONAL COLLABORATION OF EPIDEMIOLOGICAL STUDIES OF CERVICAL CANCER. et al. Carcinoma of the cervix and tobacco smoking: collaborative reanalysis of individual data on 13,541 women with carcinoma of the cervix and 23,017 women without carcinoma of the cervix from 23 epidemiological studies. **Int. J. Cancer**, v. 118, n. 6, p. 1481-1495, 2006. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/16206285>>. Acesso em: 25 de abr. 2016.
- INTERNET. **Colo do útero normal ao desenvolvimento do carcinoma cérvico uterino**. Disponível em: <<http://blogvisaosocial.com.br/wp-content/uploads/2014/12/cancer-cuello-utero->

- estadisticas-afeccion_1_1449661.jpg>. Acesso em: 25 de abr. 2016
- LETO, M. G. P. et al. Infecção pelo papilomavírus humano: etiopatogenia, biologia molecular e manifestações clínicas. **An. Bras. Dermatol**, v. 86, n. 2, p. 306-17. São Paulo: 2011.
- LIMA, J. R. et al. **Atuação da enfermagem na prevenção do HPV durante o período de adolescência**. Cuité: 2014. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conacis/trabalhos/Modalidade_2datahora_12_03_2014_21_08_56_idinscrito_249_ad544517c42012174ebac51551160194.pdf>. Acesso em: 25 de abr. 2016.
- LOPES, M. M. C; ALVES, F. Conhecimento dos adolescentes de uma escola pública de belo horizonte sobre doenças sexualmente transmissíveis, em especial sobre o HPV. **Acervos da Iniciação Científica**, v. 1, n. 1, p. 1-23. Belo Horizonte: 2013. Disponível em: <<http://www3.izabelahendrix.edu.br/ojs/index.php/aic/article/view/409>>. Acesso em: 15 nov. 2016.
- MANCINI, M. C; SAMPAIO, R. F. Quando o objeto de estudo é a literatura: estudos de revisão. **Rev. bras. Fisioterapia**, v. 10, n. 4, p. 361-472. São Carlos: 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbfis/v10n4/00.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2016.
- MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- MARTINS, G. A; PINTO, R. L. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos**. São Paulo: Atlas, 2001.
- MARTINS NETTO, A. C; MARTINS SIERRA, A. C; FERRAZ, L. M. **Papel do enfermeiro na prevenção de infecção por HPV em adolescentes e jovens**. In: I CONGRESSO VIRTUAL BRASILEIRO – GESTÃO, EDUCAÇÃO E PROMOÇÃO EM SAÚDE. Anais...[S.n.:2013]. Disponível em: <http://www.convibra.com.br/upload/paper/2013/75/2013_75_7858.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2016.
- OLIVEIRA, E. et al. Análise de conteúdo e pesquisa na área de educação. **Rev. Diálogo Educacional**, v. 4, n. 9, p. 1-17. Paraná: 2003. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/1891/189118067002/>>. Acesso em: 25 abr. 2016.
- QUEIROZ, D. T; PESSOA, S. M. F; SOUSA, R. A. de. Infecção pelo Papiloma Vírus Humano (HPV): incertezas e desafios. **Acta Paul Enferm**, v. 18, n. 2, p. 190-6. São Paulo:2005
- NADAL, S. R; MANZIONE, C. R. Infecção Periana Recidivante pelo Papiloma Vírus Humano. **Rev. Assoc. Med. Bras**, v. 48, n. 1, p. 1-25. São Paulo: 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ramb/v48n1/a16v48n1.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2016.
- NAKAGAWA, J. T; SCHIRMER, J. BARBIERI, M. Vírus HPV e câncer de colo de útero. **Rev. Bras. Enferm**, v. 63, n. 2, p. 307-11. Brasília: 2010.
- PANOBIANCO, M. S. et al. O Conhecimento Sobre o HPV entre Adolescentes Estudantes de Graduação em Enfermagem. **Texto Contexto Enferm**, v. 22, n. 1, p. 201-7. Florianópolis: 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v22n1/pt_24.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2016.
- RODRIGUES, B. C. et al. Educação em saúde para a prevenção do câncer cérvico-uterino.

- Rev. Bras Edu Med**, v. 36, n. 1(supl.1), 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022012000200020>. Acesso em: 04 de out. 2016.
- SANTOS, M. J. M. **A estratégia de vacinação contra hpv e seus dilemas bioéticos**. Monografia (Administração Pública) – Universidade Aberta do Brasil. Brasília: 2015. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/12171/1/2015_MariaJuliaMendesdosSantos.pdf>. Acesso em: 05 de out. 2016.
- SILVA, S. E. D. et al. Representações sociais de mulheres amazônidas sobre o exame Papanicolau: implicações para a saúde da mulher. Esc. Anna Nery. **Rev. Enferm**, v. 12, n. 4, p. 685–692, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141481452008000400012&script=sci_arttext>. Acesso em: 11 jun. 2016.
- SILVA, A. A; LEAL, C. C. G. Importância do Exame Preventivo – Papanicolau na visão de acadêmicas de enfermagem. **CuidArte Enfermagem**, v. 4, n. 1, p. 12-19, 2010. Disponível em: <<http://www.fundacaopadrealbino.org.br/facfipa/ner/pdf/CuidArte%20Enfermagem%20v.%204%20n.%201%20jan.jun.%202010.pdf>>. Acesso em: 11 de out. 2016.
- ZARDO, G. P. et al. Vacina como agente de imunização contra o HPV. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 19, n. 9, p. 3799-3808. Curitiba: 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/csc/v19n9/1413-8123-csc-19-09-3799.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2016.
- WHO – World Health Organization. **Latest world cancer statistics Global cancer burden rises to 14.1 million new cases in 2012: marked increase in breast cancers must be addressed**. [S.n.:2013]. Disponível em: <https://www.iarc.fr/en/media-centre/pr/2013/pdfs/pr223_E.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2016.
- ZARDO, G. P. et al. Vacina como agente de imunização contra o HPV. **Ciênc. Saúde**, v. 19, n. 9, p. 3799-3808. Rio de Janeiro: 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232014000903799>. Acesso em: 20 nov. 2016.